

DA RELAÇÃO ENTRE O HOMEM, O TRABALHO, A ESCOLA E VICE-VERSA

Claudino, Jane Carla*

Lima Filho, Domingos Leite*

Resumo:

Neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa de caráter exploratório, realizada com crianças de uma escola municipal da região metropolitana de Curitiba e com trabalhadores de áreas diversas, no ano de 2008. O objetivo foi o de elencar conceitos e finalidades do trabalho na visão dos trabalhadores e das crianças. Consideramos, como referenciais teóricos e metodológicos da pesquisa, apontamentos sobre a história do trabalho e como este foi essencial para o desenvolvimento do próprio Homem, especialmente na concepção de Marx e Engels. Nos referenciamos também em estudos das relações trabalho e educação, considerando, em particular, as formulações de Enguita e Frigotto sobre o processo de envolvimento da escola e seu papel na efetivação das relações de produção. Finalizamos com a análise dos dados obtidos na pesquisa e tecendo considerações sobre como o papel social da escola precisa ser revisto no sentido de contribuir para que estudantes e trabalhadores possam, principalmente por meio do trabalho, exercer plenamente sua cidadania.

Palavras-chave: trabalho, tecnologia e educação

INTRODUÇÃO

Quando se visita uma sala de aula de uma escola pública se percebe que não há muita diferença nesse ambiente se compararmos com a escola de dois séculos atrás: a disposição dos móveis, os materiais didáticos, a organização das carteiras voltadas para o quadro de giz com um os dois professores na frente da turma dirigindo o grupo.

Apesar de muitas tecnologias terem sido associadas à prática docente como mimeógrafo, máquinas de escrever, retroprojeto, videocassete, aparelhos de som,

· Pedagoga e Especialista em Tecnologias Educacionais pela PUC-PR, Mestranda em Tecnologia, PPGTE/UTFPR. carlatosin@gmail.com

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e do Departamento Acadêmico de Eletrotécnica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). domingos@utfpr.edu.br

computador e projetores, televisores multimídia, lousas eletrônicas (quase que respectivamente nessa mesma ordem) pouco mudou quanto à metodologia em sala de aula.

Os alunos questionam-se muitas vezes porque estão aprendendo determinados conteúdos, pois não conseguem perceber sua aplicabilidade prática e infelizmente grande parte dos estudantes sai da escola sem saber ler nem escrever adequadamente:

Ano após ano, o resultado de tais testes (periódicos realizados para avaliar o aprendizado nos diversos níveis desde o fundamental até o superior) vem retratando fielmente o estado desastroso em que se encontra a educação brasileira. Desastroso, aliás, é um adjetivo fraco para definir uma situação em que milhões de jovens saem da escola sem saber escrever um simples bilhete e sem dominar as quatro operações da aritmética.

A questão é tão mais preocupante porque não existe país que tenha alcançado um grau elevado de desenvolvimento econômico, social e cultural sem uma população universalmente educada - e bem educada. Sem educação, não há progresso tecnológico e intelectual. Não há perspectiva individual para os cidadãos nem lugar privilegiado no teatro da história para a nação. É urgente, portanto, reverter tal quadro. (Planeta Sustentável, 2008)¹

Ainda que tenhamos nossas críticas a esta afirmação, respectivamente a seus vieses alarmistas quanto à realidade, salvacionistas quanto às possibilidades da escola como instituição social e, relativamente superficiais quanto a considerar a escola como um ente quase autônomo em relação ao poder dominante, é importante investigar as condições e causas que medeiam essa relativa perenidade da escola e a reiteração de suas formas de ser e agir frente à realidade cambiante, especialmente nas relações internas dos ambientes escolares, notadamente nas salas-de-aula.

Como a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) determina “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”(BRASIL, [2008]).²

Com base nesse pressuposto, surgiu a curiosidade de pesquisar como estudantes das séries iniciais veem o trabalho, qual seu objetivo, se elas têm claro por que as pessoas trabalham. Será que essas crianças têm consciência da importância da relação da educação para o trabalho?

Concomitantemente, surgiu o interesse de perguntar a alguns amigos e colegas qual era a concepção que eles tinham de trabalho e por que eles trabalhavam. Parece muito óbvio que as pessoas trabalham para poderem sobreviver. Mas, nos dias atuais levando em conta uma visão muito negativa do trabalho bastante presente entre a

população brasileira que vê essa atividade humana como um fardo, uma obrigação, será que alguém associaria essa atividade com prazer, realização pessoal, crescimento, satisfação entre outras sensações e retorno positivo além que o da manutenção da própria existência?

O presente estudo procura trazer alguns apontamentos sobre o universo da escola/educação e do trabalho e como esses estão intimamente ligados entre si. Aborda, de forma sucinta, a importância que a educação exerce sobre o mundo do trabalho e vice-versa, e como a escola pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa com condições mais democráticas para todos, procurando discutir os limites e possibilidades da escola enquanto instituição social.

I- Evolução do Homem pelo Trabalho (e vice-versa)

“Trabalho é quando a pessoa tem emprego para ter alimento.”³

A definição para trabalho apresentada acima é de uma criança que cursa a terceira série do Ensino Fundamental em uma escola municipal da região metropolitana de Curitiba. Embora pareça inocente, revela a concepção que grande parte das pessoas a quem foi feita a pergunta “O que é trabalho?” tem a respeito dessa, que talvez seja a principal atividade humana, ou como diria Engels “é a condição básica fundamental de toda a vida humana.” (ENGELS, 1977)⁴

Se nos remontarmos aos primórdios da vida humana, perceberemos como o próprio Homem ⁵foi se transformando à medida que aprendeu a realizar tarefas diferentes. “(...) até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio Homem”. Essa afirmação de Engels (1977) é reforçada quando diz que “a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele”.

Durante milênios, a agricultura predominou como principal atividade econômica, à qual continuamente se acresciam processos de complexificação das técnicas e instrumentos da produção e da própria organização da vida social no campo e nas cidades que se formavam e se expandiam, motivando mudanças nas demandas e necessidades do que fazer e como fazer e produzir, ou seja, ininterruptas mudanças na história e no mundo do trabalho. Porém, há pouco mais de 200 anos, com o advento da Revolução Industrial. Assim, desde então, o trabalho assumiu outras características,

outros objetivos e outros resultados. O processo da Revolução Industrial, como marco histórico-social, representou o momento de consolidação do capitalismo e foi responsável pela reordenação da economia mundial durante o século 19, apresentando a nova dinâmica capitalista, responsável por superar o mercantilismo (RECCO⁶, 2008 in Folha On Line)

A partir daí acentuou-se de forma decisiva a separação entre o capital e o trabalho, consolidando o trabalho assalariado e o poder da burguesia sobre a produção. Se de um lado houve acúmulo de riquezas e capital (burguesia), de outro houve aumento considerável da pobreza (proletariado).

Atualmente, com o avanço da automação agrava-se ainda mais a exclusão de trabalhadores sem qualificação profissional e/ou que não dominam as modernas tecnologias – tecnologias essas que surgem não só da interação do homem com o meio, mas que são criadas também para atender a determinados desejos de conforto, status e poder, e em não poucos casos com o fim principal de fortalecer o poder econômico e político de grupos, corporações e empresas (LIMA FILHO, 2003⁷). Ou seja, de um lado suprem as necessidades humanas, por outro, podem ocasionar diversos problemas sociais que indicam a necessidade de políticas adequadas para seu tratamento, controle e melhor utilização. Porém, é fato que as relações entre transformações e invenções tecnológicas e mudanças e organização da sociedade são complexas, de múltiplas determinações e mediações em que interagem e se transformam igualmente as relações sociais e os meios de produção.

Nesse sentido, as tecnologias educacionais não fogem à regra: podem ser utilizadas para contribuir no processo de emancipação e cidadania do estudante ou ser Se nos remontarmos aos primórdios da vida humana, perceberemos como o próprio Homem foi se transformando à medida que aprendeu a realizar tarefas diferentes. “(...) até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio veículo de dominação, marginalização e exclusão quando serve aos interesses da classe dominante: a burguesia. Se não, vejamos:

II – Da relação da escola com o trabalho

Analisando o processo da história da educação podemos identificar as diferentes formas de preparação para a vida em sociedade e para o trabalho, com a transmissão de

conhecimentos e práticas se dando originalmente no seio da comunidade ou da família. Somente com o passar dos séculos se constitui uma instituição social específica para tal fim, a escola.

Com efeito, a formação do adulto é um processo muito mais amplo que o processo educacional escolar. Não pode ser reduzida a este, o antecede historicamente e jamais é, de todo, substituído pela instituição social escola, embora esta passe a exercer a centralidade, enquanto *locus* social específico para tal fim.

Enguita nos apresenta alguns elementos que podem confirmar essa teoria e de como o processo educacional sofreu transformações por meio das relações de produção:

Na própria Idade Média, (...) um setor importante e crescente da população, antecipação da grande massa que seria despojada de seus meios de vida no processo da Revolução Industrial, vivia já marginalizado das relações dominantes de produção: mendigos, vagabundos, pícaros, órfãos, etc. (...) Contra os adultos instituiu-se o internamento em *workhouses*, *hospitiaux*, *Zurchthausen*, etc. Para as crianças instituíram-se os meios ou outros *ad hoc*, os orfanatos. (...) Entretanto, foi o desenvolvimento das manufaturas que converteu definitivamente as crianças na guloseima mais cobiçada pelos industriais: diretamente como mão de obra barata, e indiretamente como futura mão de obra necessitada de disciplina. O momento culminante dos orfanatos e, em geral, do internamento e disciplinamento das crianças em casas de trabalho e outros estabelecimentos similares foi o século XVIII. (ENGUITA, 1989⁸).

Em nosso país a situação não foi diferente. Essa ideologia está presente nos documentos oficiais da legislação que rege a Educação Profissional:

Embora tenham representado um esforço de sistematização da política educacional brasileira, os textos das Leis Orgânicas da Educação Nacional mantêm o caráter dualista da educação ao afirmar como objetivo do Ensino Secundário e Normal: “formar as elites condutoras do país”, cabendo ao Ensino Profissional oferecer “formação adequada aos filhos dos operários, aos desvalidos da sorte e aos menos afortunados, aqueles que necessitam ingressar precocemente na força de trabalho. (SENAC DN, 1997⁹)

A preparação para o trabalho e para a vida em sociedade está fortemente associada a instituições educacionais, seja por meio do ensino regular ou por escolas profissionalizantes. Percebemos como a educação passou a ter rumos bem definidos de acordo com as transformações nas relações de produção, sendo a escola a responsável por reproduzir as ideologias das classes dominantes:

É fácil entender que o vínculo entre trabalho produtivo e educação seja contemporâneo da fase inicial do capitalismo, modelo de produção onde a liberdade de mercado assume valor quase absoluto, baseado em valores, idéias, teorias, símbolos e instituições, entre as quais se destaca a escola, como espaço de produção e reprodução de conhecimentos,

atitudes, ideologias e teorias que justificam o novo modo de produção. (FRIGOTTO, 1999¹⁰ in SENAC 2002).

Do confronto entre ideologias e projetos de sociedade, ao longo da história da educação surgiram diversas teorias pedagógicas. Dentre elas, as que objetivam transformar os paradigmas educacionais de forma que a educação para o povo realmente fosse destinada ao seu crescimento e emancipação, atribuindo à escola um papel social distinto e mais relevante do que o de mera reprodutora da ideologia burguesa¹¹.

Com base nesses pressupostos, no próximo tópico serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com crianças em fase escolar e alguns trabalhadores, que traz alguns apontamentos que merecem um olhar atencioso e dão margem a novas pesquisas.

III- Definição e finalidades do trabalho sob um olhar infantil

Como a escola de hoje trata o tema trabalho? Qual é a percepção que os alunos têm desse tema? Que futuro profissional vislumbram as crianças das séries iniciais atualmente? O que os adultos entendem por trabalho e porque exercem essa atividade?

Com base nessas e em outras indagações é que se pauta a pesquisa realizada com crianças em fase escolar e com trabalhadores formais e informais a respeito do trabalho e porque as pessoas trabalham.

Futuramente, espera-se que estas crianças estejam atuando produtivamente na sociedade, formalmente ou não. Na pesquisa realizada em uma escola municipal da região metropolitana de Curitiba, participaram 81 estudantes de 2^a a 4^a séries, sendo que 23 eram de segunda série, 46 de duas turmas de terceira série e 12 alunos eram de quarta série. As idades desses alunos estão na faixa de 7 a 14 anos (alguns alunos estão em defasagem escolar).

Justifica-se a escolha deste público pelo fato de essas crianças pertencerem à faixa considerada de baixa renda e residirem na periferia. Porém, devemos considerar que se a pesquisa fosse feita com crianças de escolas particulares, com nível de renda um pouco mais elevado, é possível que os resultados fossem diferentes dos apresentados a seguir.

Assim, as conclusões e considerações apresentadas nesse trabalho contemplam o universo dessa pesquisa especificamente, mas fornecem subsídios para continuidade e aprofundamento aos estudos.

Na referida pesquisa, foram feitas apenas duas perguntas simples, levando em conta o nível de escolaridade e etapa de alfabetização das crianças participantes, e que objetivavam identificar similaridades na concepção que crianças e adultos possuem a cerca do trabalho e sua finalidade. Não se esperava que as crianças conceituassem trabalho com precisão, mas que realmente expusessem seu entendimento sobre o assunto. As perguntas foram:

- 1- O que é trabalho?
- 2- Por que as pessoas trabalham?

Antes de apresentar as respostas, vale apresentar alguns dos possíveis significados para a palavra “trabalho” (no que tange nosso objeto de estudo, desconsiderando as definições relativas à Física) além dos que foram subjetivamente apresentados no item I. Consideraremos as dez primeiras definições apresentadas pelo dicionário “Aurélio¹²” de Língua Portuguesa:

Trabalho: (Dev. de *trabalhar*) *S. m.* **1.** Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. **2.** Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. **3.** O exercício dessa função como ocupação, ofício, profissão. **4.** Trabalho remunerado ou assalariado; serviço. **5.** Local onde se exerce essa atividade. **6.** Qualquer obra realizada. **7.** Maneira de utilizar a matéria, com o manejo ou a utilização dos instrumentos de trabalho. **8.** esforço incomum; luta, faina, lida, lide. **9.** Tarefa para ser cumprida; serviço. **10.** Fatura, feitura, lavor.

Para a primeira questão, grande parte das crianças deu exemplos de profissões ou responderam de forma mais abrangente sobre atividades diversas relacionadas ao trabalho. Associaram com local de trabalho, finalidades ou resultado final, o que não está errado se considerarmos as diversas definições para trabalho conforme citado acima.

Devemos levar em conta que muitos alunos, especialmente das séries iniciais, têm dificuldades comuns dessa etapa no que concerne a conceituar algo, o objeto em si com exemplos relacionados a ele ou qual seu objetivo, finalidade, etc. Também é preciso considerar que justamente em função dessas dificuldades as professoras necessitaram ajudar no processo de elaboração conceitual e escrita, o que pode ter influenciado, ainda que superficialmente no conteúdo dessas respostas.

Abaixo serão apresentadas algumas das respostas preservando quase que na íntegra a forma como as crianças escreveram, corrigindo-se apenas alguns problemas de ortografia:

- Trabalho é empresa; Ser professora, merendeira, confeitiro, etc.; Serve para fazer a vida; Para ganhar dinheiro; Trabalhar no mercado para viver; O mesmo que fazer coisas; Fazer trabalho na escola; Carregar coisas; O que todo trabalhador faz para seu sustento; Ir para o serviço e fazer o que a patroa manda; É quando a pessoa tem emprego para ter alimento; É quando as pessoas mandam a gente fazer alguma coisa; É estudar e etc.; O trabalho é uma coisa muito importante; É alguma coisa que a gente pode fazer para ganhar dinheiro; É o lugar aonde a maioria das pessoas vai para sustentar sua casa; Trabalho é tudo, limpar a casa, ir para o escritório trabalhar; Uma forma de ganhar dinheiro para construir a vida; Um tipo de negócio; É a vida do homem para sobreviver; Ser empregado de outra pessoa; Onde uma pessoa faz serviços; Trabalho é a nossa vida.

Se compararmos as respostas dadas com as definições apresentadas pelo dicionário Aurélio, podemos concluir que nenhuma das crianças apresentou respostas errôneas, pois à sua maneira explicou o que entende por trabalho. De forma geral, percebem o trabalho como uma atividade importante e fundamental para a sobrevivência.

Em algumas respostas, fica clara a noção de relação entre patrão e empregado e o entendimento que se trabalha em troca de alguma coisa, no caso, o dinheiro. Além disso, sabem que esse dinheiro é fundamental para o sustento da família e para a manutenção da vida em sociedade. Essas noções estão bem presentes nas respostas dadas à segunda questão, como podemos acompanhar a seguir. Como as respostas foram muito parecidas vamos agrupá-las conforme a semelhança:

Por que as pessoas trabalham?

- Para ganhar dinheiro (57); Para sustentar/alimentar a família/os filhos (23); Comprar comida/roupas/coisas para casa (9); Ganhar/manter a vida (3); Pagar contas/dívidas (4); Para aprender a fazer algo; Ajudar as pessoas; Porque eles gostam de trabalhar; Porque é bom; Para não ficar sem trabalhar.

Porque sem o trabalho nós ficaríamos sem dinheiro; Para construir uma vida melhor; Para não passar fome. (As não numeradas apareceram uma só vez).

Juntando as respostas que apareceram mais vezes nas quatro turmas teríamos:

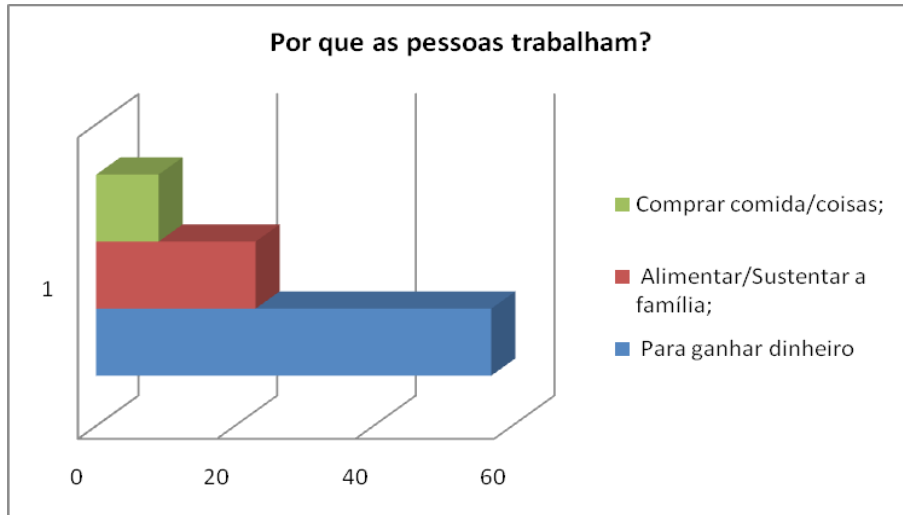


Gráfico 1: Respostas para a questão Por que as pessoas trabalham?

Nitidamente percebe-se que a resposta que apareceu mais vezes foi “Para ganhar dinheiro”. Vale lembrar que a quantidade de vezes não corresponde diretamente ao número de alunos respondentes. Algumas vezes apareceram respostas conjugadas como “para ganhar dinheiro e sustentar a família e/ou os filhos”.

Na turma de quarta série, até pela faixa etária e nível de estudo em que se encontram, foi possível observar maior amplitude de pensamento com relação à finalidade do ato de trabalhar. Os alunos definem como benefício maior o ganho de dinheiro, mas também sabem que esse dinheiro será convertido em benefícios para o trabalhador e/ou para a sua família, servindo para comprar comida, roupas e demais objetos para dentro de casa. Percebe-se uma relação muito próxima de trabalho e família.

Quando os alunos foram questionados sobre o que é trabalho, muitas das respostas foram associadas diretamente a profissões ligadas ao comércio e à prestação de serviços. A única profissão mais diretamente ligada à intelectualidade que foi citada é de professora. O restante compreende exemplos como merendeira, pedreiro, confeitoiro, pintor, cabeleireiro, lixeiro, etc. Ou seja, é muito forte a imagem do trabalho manual ou que exige força física.

De forma geral, os alunos compreendem que há uma relação de troca no exercício de trabalhar: trabalha-se em troca de algo que garantirá as condições básicas de sobrevivência, com alimentação, moradia, etc. Poder-se-ia inferir que, objetivamente, estas noções de trabalho estão relacionadas com a ideia geral de trabalho como atividade produtiva de valores de troca, característica das relações sociais capitalistas de produção.

Essa questão não se esgota aqui e merece um aprofundamento maior. Seria muito interessante realizar a mesma pesquisa com crianças de classe média e alta para se estabelecer um comparativo sobre as concepções de trabalho.

Poderiam ser pesquisadas por exemplos, quais são as profissões escolhidas pelas famílias de classe média/alta. Teríamos como resultado uma nítida divisão entre trabalhadores braçais e intelectuais oriundos de classes C, D e E, e também das classes A e B, respectivamente? Ou não, será que os resultados demonstrariam que independente da classe os trabalhadores aspiram por condições melhores de vida?

Essas são questões que podem gerar estudos posteriores.

IV - Trabalho na concepção de trabalhadores:

A mesma pesquisa feita com as crianças foi realizada com adultos que trabalham ou já trabalharam formal ou informalmente. Porém, a segunda questão sofreu alteração para adequá-la a esse público. Assim, a primeira questão manteve-se igual - “O que é trabalho?” - e a segunda foi “Por que *você* trabalha?”.

A pesquisa foi enviada por e-mail para 30 pessoas de um mesmo ambiente de trabalho, todos exercendo funções ligadas à Educação Profissional, dos sexos masculino e feminino, todos com ensino superior concluído, e para uma lista de aproximadamente 56 pessoas que trabalham nas mais diversas áreas, também dos sexos masculino e feminino com formações diversas. Das 86 pessoas, apenas 23 responderam, porém a partir das respostas enviadas foi possível realizar uma primeira análise sobre como esses trabalhadores vêem o mundo do trabalho na atualidade.

Da mesma maneira que alguns fatores foram levados em conta na análise feita à pesquisa realizada com crianças, a que foi realizada com os trabalhadores poderia ter resultados diversos, se todos tivessem respondido, ou se nessa pesquisa fossem

incluídas pessoas desempregadas, trabalhadores informais, apenas administradores, enfim, cada público necessitaria de um direcionamento específico, de um olhar apurado para cada circunstância, para depois efetivamente serem cruzados os dados.

Como esse é um universo muito amplo, não cabe aqui, devido à natureza desse trabalho, aprofundarmo-nos tanto, porém, é algo que pode ser desenvolvido com as devidas proporções futuramente.

Apresentam-se na seqüência as respostas que mais trouxeram elementos convergentes com o que foi estudado e apresentado nesse documento:

O que é trabalho?

“O trabalho na nossa sociedade desde que o mundo é reconhecido por mundo, é tido como uma atividade que valoriza o homem, que agrega valor e que também congrega interesses. Logo, o trabalho estrutura as nossas relações sociais e o nosso relacionamento direto com o mundo. É fundamental na medida que traz a unidade de sentido à vida humana. Ou seja, nos humanizamos na medida que nos sentimos úteis, valorizados, participes (...). O trabalho abriga todas as atividades humanas, independente de sê-lo formal ou não e dá aceso indireto às vias de cidadania.”

Por que você trabalha?

“Trabalho porque: gosto; é saudável; preciso de salário para viver; contribuo para o desenvolvimento do meu país e para o bem coletivo; tenho a possibilidade de ampliar meus relacionamentos; posso compartilhar informações e conhecimento; tenho a possibilidade de conviver com outras pessoas e conhecer diversas realidades; tenho a chance de estar sempre aprendendo.”

De forma geral, muitas das respostas agregaram à necessidade de trabalhar, o prazer, a satisfação, o retorno não só financeiro, mas de crescimento pessoal, de troca, de aprendizagem e experiências positivas.

De todos os participantes apenas uma pessoa não trabalha fora de casa. Suas respostas foram:

“Trabalho é uma qualquer actividade que proporciona algum tipo de pagamento. Por exemplo, o trabalho que eu faço não me traz compensações financeiras (directas) mas proporciona-me, e à minha família, um estilo de vida que não tem preço! Eu sou paga com afecto, com beijos, com palavras carinhosas. Já trabalhei para ganhar dinheiro e poder comprar coisas e serviços; actualmente trabalho para a estabilidade da minha família¹³”.

Nota-se um auto-reconhecimento e valorização do trabalho doméstico e da mulher “do lar” como a responsável pela estabilidade da família e a satisfação de estar realizando tarefas que não são remuneradas com dinheiro, mas que trazem outros benefícios tão importantes quanto.

Uma das respostas chamou a atenção pelo fato de identificar questões sobre a forma como o trabalho tem sido tratado muitas vezes no universo do consumo e aquisição de bens:

“(Trabalho é) Uma das mais importantes formas de realização pessoal. Não compreendo o trabalho como apenas a forma de ganhar a vida, mas entendo que há um valor implícito no trabalho. Embora hoje em dia o trabalho esteja estreitamente vinculado aos ganhos e possibilidade de consumo, e que isso, na nossa cultura é tido como garantia de felicidade e realizações, busco explorar outras formas de ganho com o trabalho que não a financeira. Quando esse outro ganho é limitado, o trabalho perde seu encanto.”

Em muitas repostas é possível perceber a importância do trabalho para suprir as necessidades do dia a dia, mas também a preocupação em se fazer desta atividade algo prazeroso, em que possam aplicar conhecimentos aprendidos e as levem a novas formas de aprendizado e interação com diferentes pessoas e ambientes.

A aplicação dos conhecimentos adquiridos e de habilidades e competências pessoais, a realização de uma atividade para a qual se está capacitado, também foram argumentos citados na resposta à segunda pergunta.

Conclui-se que desse universo de pesquisa, a maior das pessoas apresentou uma visão positiva do trabalho e tem consciência de sua necessidade e do retorno que isso lhes traz. É possível que tenham se omitido os aspectos negativos no trabalho, as coisas que incomodam e que poderiam ser melhoradas. Como dito anteriormente, para essas questões seria necessário um estudo mais extenso e aprofundado.

V- Considerações finais

A atual LDB – 9394-96 prevê a preparação para o trabalho desde a educação básica como pode se perceber nos artigos abaixo relacionados:

- Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para **progredir no trabalho** e em estudos posteriores. (da Educação Básica);
- Art. 35, inciso II: a **preparação básica para o trabalho** e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; (do Ensino Médio)

Porém, quando falamos de trabalho não podemos considerar apenas o formal, remunerado ou o exercido por profissionais liberais que têm sua profissão socialmente reconhecida. Devemos salientar que na atualidade existe um sem número de atividades informais, sem falar do trabalho doméstico que, em muitos casos, preconceituosamente ainda é tido como atividade obrigatória das mulheres.

Enfrentamos problemas sérios como o trabalho infantil e a exploração da mão de obra com requintes de escravidão em pleno século XXI e temos uma escola que prepara para o emprego, mas não para o trabalho. Ainda assim, há que se questionar de forma se dá essa preparação para o emprego.

Milhões de brasileiros ainda não tem acesso à escola, e essa segue sendo a instituição fundamental, dentro do sistema de relações sociais vigentes, que traz algumas possibilidades de lhes proporcionar um mínimo de condições para conseguir um emprego. Na atualidade essas possibilidades tendem a exigir, cada vez mais, um número maior de anos de escolarização. Por exemplo, em muitos espaços produtivos o ensino médio passou a ser, formalmente ou informalmente, o patamar mínimo de acesso.

“Desemprego, informalidade e baixa escolaridade excluem socialmente 19 milhões de brasileiros entre 15 e 19 anos, ou seja, mais da metade do total de jovens do país (34 milhões). Desses, 6,5 milhões não trabalham nem estudam, o que representa 1 a cada 5 jovens. No recorte 15 a 17 anos, apenas metade está no Ensino Médio. 4 milhões de jovens saem da escola sem completar o Ensino Fundamental. Os dados são do diagnóstico Trabalho Decente e Juventude no Brasil, que será lançado este ano pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). (PORTAL DO APRENDIZ¹⁴, 2008).

Outras exigências, como conhecimentos em informática e experiência profissional reforçam a exclusão de milhares de jovens e demais trabalhadores.

Nesse estudo não mencionamos as inúmeras lutas por melhores condições de trabalho ocorridas ao longo da História. Talvez hoje as lutas sejam por uma chance de trabalho, ou pela permanência no emprego e pela manutenção dos direitos adquiridos. No caso das mulheres, ainda existe a discriminação quanto aos salários e aos cargos de liderança, embora estatísticas comprovem que elas possuem maior nível de escolaridade e recebem salários muito menores para desempenhar as mesmas funções que os homens.

Assim, é preciso repensar o papel da escola e como ela tem tratado esta que é uma das questões primordiais de sua razão de ser: a preparação para o trabalho, que

resulta na obtenção de cidadania e de vida com mais dignidade. É claro que dentro de tal perspectiva, os limites e as possibilidades de intervenção da escola como instituição social, dependem do projeto de sociedade que se tem e que se pretende construir e da natureza das relações sociais de produção que o caracterizam e nele são dominantes. No entanto, mesmo no sistema social de relações capitalistas de produção, no qual o trabalho degradado é uma característica, podemos encontrar projetos educacionais que estejam orientados de forma distinta, seja para uma sociedade mais excludente, seja para uma sociedade de maior fortalecimento da democracia e da participação popular. Ou seja, dentro das contradições do capitalismo, a escola e o projeto educacional, como as demais instituições da sociedade, são campos de disputas entre as classes sociais. Assim, voltamos à questão dos limites e possibilidades da escola.

Para termos uma escola mais democrática, seria fundamental e necessário, porém não suficiente, investir na formação dos professores, preparando-os para ensinar com criticidade, a analisar e inferir na realidade em que seus alunos estão inseridos para então ajudá-los no processo de interpretação, compreensão e transformação de sua realidade. Para tanto, se faz mister que esses profissionais estejam em constante aprendizado, que sejam pesquisadores educacionais e por meio do seu trabalho possam contribuir para que as crianças e jovens – futuros trabalhadores – possam exercer seus papéis sociais com cidadania e orientando-os rumo a uma profissão que lhes dê auto-suficiência, realização pessoal e profissional.

Nessa mesma perspectiva, seria necessário capacitá-los a reconhecer e compreender as inovações tecnológicas da atualidade que interagem com todas as dimensões da sociedade de forma a considerar as relações recíprocas que há entre elas (CARVALHO, 1998¹⁵) e que a eles sejam dadas condições de efetivamente contribuir para que as crianças possam almejar algo mais do trabalho além da manutenção da própria existência, e o vejam como uma tarefa realizadora, satisfatória, transformadora e fundamental para a manutenção da própria sociedade.

Somado a isso, fundamental se faz que haja políticas públicas decentes que realmente e destinem à emancipação do trabalhador e seu crescimento e não a legitimação dos ideais burgueses. Seja na escola formal, seja por meio de outras instituições, o cidadão tem o direito de vislumbrar e alcançar os patamares mais elevados de sua condição de ser humano. E isso se dá principalmente com uma

educação de qualidade e da oportunidade de interagir e participar ativamente na sociedade especialmente por meio de um trabalho digno. É fundamental, ter claro, no entanto, que todas estas aspirações são limitadas pelas formas de dominação das relações capitalistas de produção e que a superação dos obstáculos ao conhecimento pleno, mediante uma escola democrática e de qualidade para todos, constitui, enfim, a luta por um novo projeto de sociedade, do qual faz parte a luta por essa nova escola.

NOTAS:

- ¹ Agora, é preciso fazer - **A escola de Barra do Chapéu: um exemplo a ser multiplicado quanto antes.** Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_232832.shtml>. Acesso em: 21/07/2008 (pág. 2)
- ² BRASIL. [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 20/07/2008 (pág. 2)
- ³ Texto escrito por uma aluna não identificada que participou da pesquisa. (pág. 3)
- ⁴ ENGELS, F. “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem”. In: MARZ, K. e ENGELS, F. **Textos 1**. São Paulo: Edições Sociais, 1977. (pág. 3)
- ⁵ A palavra Homem nesse documento será apresentada com letra inicial maiúscula quando se referir à espécie humana, de acordo com a concepção antropológica. (pág. 3)
- ⁶ RECCO, C. B. **História: A Revolução Industrial na Inglaterra**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u10188.shtml>>. Acesso em: 18/07/2008. (pág. 4)
- ⁷ LIMA FILHO, D. L. **O Movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade: considerações sobre as possibilidades e limites de um novo campo disciplinar**. In: Semana de Tecnologia 2003: Tecnologia para quem e para quê? Um olhar interdisciplinar, 2003, Curitiba. Semana de Tecnologia 2003: Tecnologia para quem e para quê? Um olhar interdisciplinar. Curitiba: CEFET-PR - PPGTE, 2003. v. único. p. 9-9. (pág. 4)
- ⁸ ENGUITA, F. M. **A face oculta da escola: Educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (pág. 5)
- ⁹ SENAC. DN. Formação e Trabalho – Uma viagem pela história do trabalho. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1997. 96p. 1 CD ROM. (pág. 6)
- ¹⁰ FRIGOTTO, G. “Modelos ou modos de produção: dos conflitos às soluções”. In: SENAC. DN. Referenciais para a educação profissional do Senac /Maria Helena Barreto Gonçalves; Joana Botini; Beatriz Arruda de Araújo Pinheiro et al. Rio de Janeiro: SENAC/DFP/DI, 2002. 80 p. (pág. 6)
- ¹¹ Foge ao escopo deste artigo o aprofundamento da discussão sobre as diversas teorias educacionais, seu caráter histórico e sua vinculação a projetos sociais, tais como a pedagogia liberal, a pedagogia reprodutivista e a pedagogia histórico-crítica, entre outras. Par tal análise ver: MANACORDA, M. A. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo, Cortez, 1994.; SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. 29ª. Reunião Anual da ANPEd, 2006, Caxambu, Anais, 2006. SAVIANI, D. “Escola e democracia”. In: KUENZER, A. Z. . **Pedagogia da Fábrica – As relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1986. 2. ed. p.181-199 (pág. 6)
- ¹² FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. (pág. 7)

¹³ A pessoa que respondeu esta questão é de Portugal, por isso as diferenças da escrita. (pág. 12)

¹⁴ **Desemprego, informalidade e baixa escolaridade excluem 19 milhões de jovens brasileiros.** Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br/content/cujubruduh.mmp> - Acesso em 20 de julho de 2008. (pág. 14)

¹⁵ CARVALHO, M. G. “Tecnologia e Sociedade.” In: **Tecnologia & Interação**: publicação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE/CEFET-PR/João Augusto de Souza Leão de Almeida Bastos, org.; Y. Shimizu, ver. _ Curitiba: CEFET-PR, 1998. 174p.; Il. _ (Coletânea “educação & Tecnologia” CEFET-PR) (pág. 15)